

## A GRAMATICALIZAÇÃO DO JUNTIVO *CONTUDO* NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Tatiana Mazza da Silva

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar a análise da mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo adversativo *contudo* na história do português. Tendo como fundamentação teórica os postulados da gramaticalização, comprovamos, por meio de análises contextuais que explicam o surgimento do uso conjuncional adversativo do item, a trajetória de mudança advérbio > conjunção. Para análise, utilizamos como corpora dados de escrita de diferentes textos do século XIV ao XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** mudança linguística, gramaticalização, juntivo

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present a syntactic, semantic and pragmatic analysis of the change of the adversative junctive ‘*contudo*’ in the history of Portuguese language. Having the postulates of grammaticalization as a theoretical basis, we describe the trajectory of the change adverb > conjunction through contextual analyses that explain the emergence of the adversative conjunctive use of the item.

For the analysis, we use as corpora written data of different texts from the 14<sup>th</sup> to the 21<sup>st</sup> centuries.

**KEYWORDS:** linguistic change, grammaticalization, junctive

### INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte dos resultados da minha dissertação de mestrado (SILVA, 2010) que teve como objetivo investigar a gramaticalização dos juntivos adversativos na história do português. Tem-se como objetivo, neste artigo, a descrição da mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo<sup>1</sup> *contudo* do século XIV até a sincronia atual, sob a perspectiva da gramaticalização, com vistas a comprovar a hipótese de uma trajetória do tipo *advérbio > conjunção*, por meio de análises contextuais que expliquem o surgimento do uso conjuncional adversativo na história do português. Segundo Houaiss (1991), o advérbio juntivo *contudo* tem o seu primeiro registro reconhecido no século XIV sob a forma *contodo*, coincidindo com o que foi encontrado nos corpora analisados. Esse item se formou a partir da justaposição da preposição *cum* ao pronome indefinido *tudo*, do latim *totu*, que, segundo Barreto (1999), significava “a totalidade de pessoas, animais ou coisas”. O sentido original desse item é *com todas essas/as coisas*.

<sup>1</sup> Segundo Neves (2000), juntivos são advérbios, de valor anafórico, que desempenham papel àquele assumido por uma conjunção.

Com base nos critérios de frequência *token* e *type*<sup>2</sup> (HEINE, 1991; BYBEE *et al.* 1994; BYBEE, 2002, 2003), analisamos as ocorrências desse item levando em conta os seguintes fatores: (i) relação semântico-discursiva; (ii) posição de *contudo* no enunciado; (iii) presença de negação. A partir da análise destes fatores, discutimos sobre a atuação da metáfora e da metonímia no processo de mudança de *contudo*.

Para análise, foram selecionados textos variados de fontes históricas e também dados de escrita do português contemporâneo. Para compor o *corpus* diacrônico, foram selecionados textos pertencentes ao “Banco Informatizado de Textos”, do Projeto para a História do Português (BIT-PROHPOR), de responsabilidade dos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, complementados pelos textos do “Corpus Diacrônico do Português”, organizado por Longhin-Thomazi (2007). Para representar o século XX, foram selecionados alguns textos do Banco Lexicográfico da UNESP-Araraquara e, representativo do século XXI, selecionamos alguns textos de caráter opinativo-argumentativo (painel de leitores, editoriais, crônicas jornalísticas) do jornal “Folha de São Paulo”.

## 1. OS PRESSUPOSTOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Hopper e Traugott (2003), a gramaticalização pode ser entendida como um processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Segundo Traugott (1982, 1999) e Traugott e König (1991), esse processo de mudança envolve uma pragmatização crescente de significados (mudança semântica) e uma recategorização do item (mudança sintática).

A unidirecionalidade, princípio fundamental da gramaticalização, norteia todos os processos de mudança, uma vez que a mudança segue um caminho único, sempre do mais lexical para o mais gramatical, e não vice-versa.

Essa hipótese da unidirecionalidade pode ser vista, tanto na própria definição de gramaticalização (a qual pressupõe um aumento de gramaticalidade, pois um item lexical adquire características de um item gramatical, e não vice-versa) quanto nos mecanismos que regem o processo, sendo os principais a metáfora e a metonímia.

A metáfora, de modo geral, pode ser entendida como o uso de um item do domínio concreto que é empregado num domínio mais abstrato; já a metonímia, também chamada de *reinterpretação induzida pelo contexto*, refere-se à mudança que uma determinada forma sofre devido ao contexto que está sendo utilizada.

Dentro da gramaticalização de conjunções, os trabalhos de Traugott (1982, 1999), de Traugott e König (1991) e de Sweetser (1990) são importantes referências. Esses autores advogam que, no processo de gramaticalização, um

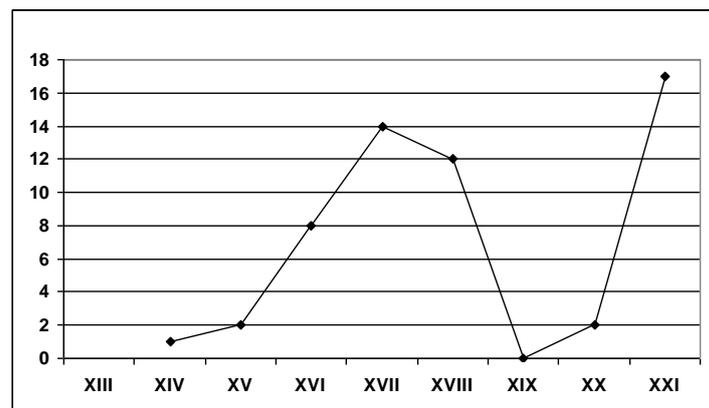
---

<sup>2</sup> Segundo Bybee (1994, 2002, 2003), frequência *token* é a contagem de todas as ocorrências do item, independentemente do significado que elas veiculam. Já a frequência *type* é a contagem de um padrão particular de dicionário; em outras palavras, o significado ou a função de um item ou construção.

item passa de significados referenciais, mais concretos, a significados pautados na atitude do falante acerca do que está sendo dito, intermediados por significados relacionados com a construção textual.

## 2. A GRAMATICALIZAÇÃO DE *CONTUDO*

No gráfico a seguir, mostramos o comportamento da frequência *token* de *contudo* desde o século XIV até o XXI.



**Gráfico 01:** Frequência *token* de *contudo* do século XIV a XXI

Observa-se que *contudo* apresenta alta frequência dos séculos XV ao XVII, registrando uma diminuição nos séculos XVIII, até atingir uma nulidade no século XIX, e ganhar novo impulso nos séculos XX e XXI. A falta de ocorrências no século XIX pode estar relacionada a diversos fatores, tais como: tipo e gênero textual dos textos investigados, estilo do autor, uso de outros conjuntivos que expressem a mesma relação semântica, entre outros.

Na tabela 01, expomos as frequências *token* e *type* de *contudo* na totalidade dos séculos investigados.

Frequência <i>token</i>	Frequência <i>type</i>		
56	05		
	Categoria	Valor semântico	Totais
	(28,6%)	Ambígua: fórico /adversativo	5 (8,9%)
		Adversativa	11 (19,7%)
	Advérbio juntivo (57,1%)	Adversativo	32 (57,1%)
	(14,3%)	Fórico	6 (10,7%)
		Reforço	2 (3,6%)
	Total		56 (100%)

**Tabela 01:** Frequência *token* e *type* totais de *contudo* na história do português (séc. XIV a XXI)

Como exposto na tabela acima, *contudo* apresenta um total de 56 ocorrências ao longo dos séculos investigados, as quais se distribuem em 3 *types* sintáticos – advérbio, 14,3%, advérbio juntivo, 57,1%, e conjunção, 28,6%. Quanto às relações semânticas desempenhadas por *contudo*, observamos que um mesmo tipo semântico pode aparecer em mais de uma categoria sintática. O tipo *fórico*, sentido original do item, ocorre apenas na categoria advérbio como 10,7%; o tipo *reforço* ocorre em 3,6% dos dados; o tipo *adversativo* ocorre como advérbio juntivo, com 57,1%, e como conjunção, com 19,7%. O tipo que configura a relação ambígua entre *fórico/adversativo* ocorre como conjunção em 8,9% dos dados.

Como se nota, *contudo* ocorre predominantemente como advérbio juntivo com valor adversativo, *type* no qual se concentra metade das ocorrências levantadas. Esse uso afasta-se do uso puramente adverbial, cujos valores semânticos, juntos (14,3%), também se distanciam do uso conjuncional adversativo, o segundo mais frequente

(19,7%). Diante dessa constatação, pode-se verificar uma mudança categorial em curso em favor da junção, como veremos logo mais.

Nas ocorrências de (01) a (07), exemplificamos cada um dos *types* sintático-semânticos considerados na tabela 01.

(01) **Sintagma preposicionado como advérbio de valor fórico**

eles mandarom odegradado e nom quiseram que ficasse la cõ eles ./ oqual leuaua huu)a bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao S<sup>or</sup> seo hy ouuese. / nõ curará de lhes tomar nada e asy omandaram **com tudo**. (15CC, Fol. 4v)

O item *contudo*, nessa ocorrência, é considerado um advérbio que estabelece uma relação anafórica, uma vez que ele retoma o enunciado “huu)a bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas.”. Esse valor fórico, proveniente do pronome indefinido *tudo*, é considerado original e, como veremos no gráfico 02, ocorre até o século XVIII.

Vejamos agora em (02) o funcionamento de *contudo* como advérbio de reforço.

(02) **Sintagma preposicionado como advérbio de reforço**

E aindaque a Escripturaagrada diz, que todos os homens por sua natureza eã corruptos pelo peccado, muytos dos Doutores Romanos contendem, que a Virgem Maria foy naçida em peccado original; e *ainda que* outros entre elles meamos contradizem a isto, **com tudo** todos os da Igreja Romana tem a opiniaõ, que ella foy em algum peccado actual. (18NA, p.19)

Como se nota, em (02), *contudo* reforça a ideia de oposição estabelecida por *ainda que* em “ainda que outros entre elles meamos contradizem a isto”. Segundo Câmara (1975) e Castilho (2004), esse contexto de co-ocorrência com outro juntor que já estabelece a oposição foi o que contribuiu para que *contudo* adquirisse, metonimicamente, o valor de contrajunção.

Exemplifiquemos, de (03) a (05), o valor juntivo adversativo de *contudo*.

**Advérbio juntivo adversativo**

(03) Ela he hua das razões, porque eu os reprobou (*tornou o Doutor*;) porque a fabula he hua couza falsa, que podia **com tudo** ser verdadeira, & acontecer assim como se fingio. (17CA, p.6)

(04) 5. Dizem-me que será maravilha poder lá chegar, porque sam acabados os nordestes e sam já entrados os suduestes que an-de durar seis meses, e **contudo** assi como estou me embarcarei , segundo me

mandarão recado, oje ou amenhã, porque além de mo ter já escripto o P. Manuel da Nobrega, depois que arribei chegarão a este porto dois navios, que de Sam Vicente partirão em diversos dias, e em ambos me escreve que en toda maneira vaa, e assi ee necessario pera elle vir à Baia, como V. R. escreve. (16CPJ, p.30)

- (05) Tinha um talento tal que suas obras poderiam facilmente figurar em museus, não no caráter de imitações, mas como legítimos originais.

Isto envolvia um problema, **contudo**. Seria bem possível que ladrões -talvez seus companheiros, talvez ele próprio, num momento tresloucado- roubassem os seus quadros. (21FSP, jun.08)

O juntivo *contudo*, em (03), ocorre em posição medial e estabelece, apenas, a relação semântica de adversatividade, por meio da oposição semântica entre as palavras *falsa* e *verdadeira*, enquanto a relação sintática é feita por subordinação à oração anterior.

Em (04), *contudo* também ocorre em posição medial e estabelece uma relação de adversatividade entre as duas orações, uma vez que o primeiro enunciado traz o argumento de que será maravilhoso chegar em determinado local, pois os sudoestes estão entrados, e o segundo argumento acrescenta um novo argumento, mostrando que, para o locutor, esse fato não é importante, e ele embarcará como está. O uso recorrente de *contudo* com outro juntor é recorrente; neste caso, acreditamos que *e* pode ser considerado um elemento neutro e responsável pelo desenvolvimento textual, coesivo, enquanto o outro conector, no caso *contudo*, é responsável pelo aspecto semântico-pragmático do enunciado, corroborando a hipótese de Fraser (2006).

O uso de *contudo* em posição final aparece em duas ocorrências apenas em todo o *corpus*. Em (05), o item articula apenas o nível semântico das orações que liga, expressando uma relação de adversatividade. Na primeira oração, o locutor admite que determinadas obras de um pintor deveriam figurar em museus como originais e, na segunda oração, por meio de *contudo*, ele apresenta uma restrição a esse comentário – ladrões ou o próprio autor roubaria os quadros.

Em (06), apresentamos uso ambíguo de *contudo* entre leitura de valor fórico e de valor adversativo.

(06) **Conjunção ambígua entre fórico/adversativo**

Nem todos ãe hãõ de ãeguir (*diãe o Doutor*) que como escreue o Filoãbo Fauorino, cada hum deve vsar de palauras preãentes, & cuãtumes antigos: & mays quando o vãõ he abuããõ, que no primeiro, per ãer tal, o defenderãõ as leys: & no ãegundo o reprimem os meãmos que o vããõ. **Com tudo**, Leonardo dirã o que lhe parece. (17CA, p.16)

Nessa ocorrência, *contudo* ocupa posição inicial e permite tanto uma leitura fórica quanto uma leitura adversativa. Numa leitura fórica, o pronome indefinido *tudo* retoma anaforicamente o enunciado anterior “& mais quando o v̄o he abuzãõ, que no primeiro, per ãer tal, o defenderão as leys: & no ãegundo o reprimem os meãmos que o v̄ãõ”, para depois afirmar que Leonardo dirá o que parece, levando em consideração o que já foi dito. Já numa leitura adversativa, a direção argumentativa do primeiro argumento leva o leitor para a conclusão de que a opinião de Leonardo não será precisa; no entanto, o segundo argumento traz uma afirmação contrária a isso, ou seja, Leonardo dirá o que lhe parece.

Segue, em (07), ocorrência exemplificativa do uso conjuncional de *contudo*.

#### (07) **Conjunção adversativa**

Em os Livros Propheticos muytos textos ãã de todos os mais difficeis por entender, comprehendendo couãas por muyta parte ainda ãã cumpridas; **com tudo** Deus quer , que ããã, lidos, e mais e mais elãquadrinhados, dando benignas promelãas a os diligentes leitores, como vemos *Apocal. 1, 3*. (18NA, p.15)

Na ocorrência (07), *contudo* apresenta características de uma conjunção prototípica. Trata-se de dizer, em outras palavras, que *contudo* está ocupando posição inicial da segunda oração e não está co-ocorrendo com outros conectores. A relação de adversatividade é estabelecida entre o argumento *os livros proféticos são difíceis de entender* e o argumento *Deus quer que sejam lidos*. O argumento apresentado por *contudo* acaba prevalecendo sobre o outro.

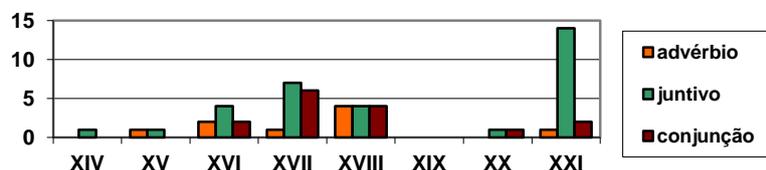
Na tabela 02, apresentamos o percentual de ocorrências em cada uma das posições sintáticas – inicial, medial e final – ocupadas por *contudo*.

Posição/categoria		Percentual
Inicial	Advérbio	3 (5,4%)
	Advérbio juntivo	1 (1,8%)
	Conjunção	16 (28,6%)
Medial	Advérbio	4 (7,1%)

	Advérbio juntivo	30 (53,6%)
Final	Advérbio	1 (1,8%)
	Advérbio juntivo	1 (1,8%)
Total		56 (100%)

**Tabela 02:** Frequência das posições sintáticas de *contudo* na história do português (séc. XIV a XXI)

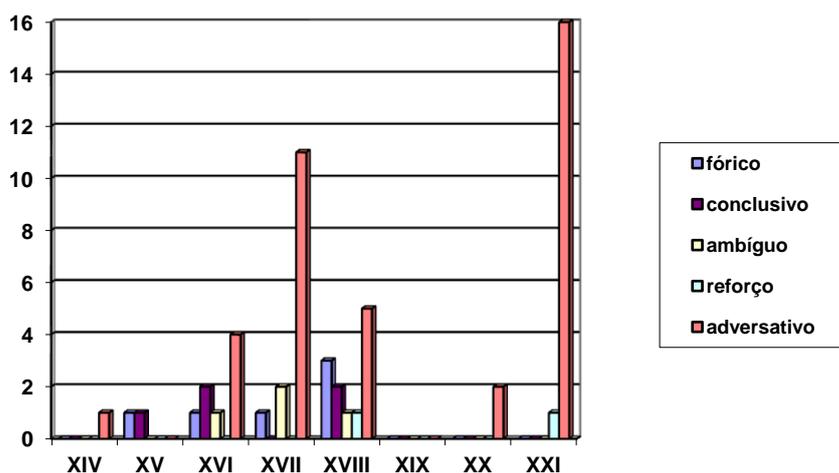
Diante das frequências apresentadas na tabela acima, constatamos que 53,6% das ocorrências de *contudo* assumem a posição medial como advérbio juntivo. A partir desses resultados, podemos concluir que *contudo*, embora guarde resquícios de sua fonte adverbial, está se aproximando da posição inicial, típica das conjunções prototípicas. Uma análise minuciosa dessa constatação pode ser feita por recurso ao cruzamento dos fatores *categoria* e *século*, como se observa no gráfico 02.



**Gráfico 02:** O desenvolvimento categorial de *contudo* do século XIV ao XXI

Pelo gráfico acima, vê-se que a categoria *advérbio juntivo* está presente em todas as sincronias em que *contudo* aparece. A categoria *advérbio*, considerada a categoria-base, ocorre a partir do século XV, mas isso não nos permite afirmar que não haja ocorrência de *contudo* como advérbio no século XIV. A categoria *conjunção*, por fim, ocorre desde o século XVI, mas sempre em frequência menor que a de *advérbio juntivo* ou equiparada com ele, como acontece no século XVIII e XX. No século atual, o uso de *contudo* como advérbio juntivo é ainda predominante, o que reforçaria a nossa hipótese de que esse item ainda não integra totalmente a classe das conjunções. Por ora, uma possível escala de gramaticalização de *contudo* seria a dada abaixo.

Quanto ao aspecto semântico de *contudo*, foram encontrados, como já mostrado na tabela 02, cinco *types*: (i) fórico, (ii) conclusivo, (iii) ambíguo entre fórico e adversativo ou entre conclusivo e adversativo, (iv) reforço de um item contrastivo e (v) adversativo. No gráfico 03, apresentamos o comportamento semântico de *contudo* nos séculos.



**Gráfico 03:** Os valores semânticos de *contudo* do século XIV ao XXI

O valor adversativo, característico da categoria mais gramaticalizada, ocorre a partir do século XIV, não apresentando ocorrências no século XV. Essa falta de ocorrências com valor adversativo no século XV e com valor original de fórico no século XIV não apresenta problema para análise, uma vez que o valor adversativo ocorre predominantemente em todos os demais séculos em que *contudo* ocorre, e o valor fórico apresenta ocorrências até o século XVIII. Entre os séculos XVI e XVIII, constata-se o convívio dos diferentes valores semânticos veiculados por *contudo*. O uso fórico e o conclusivo podem ser considerados como estágio inicial da mudança, uma vez que o valor coesivo presente no pronome indefinido *tudo* está presente nos dois usos.

Os usos ambíguos – fórico/adversativo e conclusivo/adversativo – e de reforço de outro item contrastivo são considerados estágios intermediários para a completa fixação do valor adversativo.

O uso de *contudo* como reforço adverbial adversativo seria um dos contextos que teria favorecido seu processo de mudança semântica rumo ao valor adversativo (Said Ali, 1964). Nos dados, entretanto, não é o que se verifica, uma vez que o reforço adverbial, além de baixa frequência, ocorre apenas no século XVIII e XXI.

Uma possível escala de mudança das funções semânticas seria:

(09) **FÓRICO** ou **CONCLUSIVO** > **AMBÍGUO** ou **REFORÇO** > **ADVERSATIVO**

Segundo Barreto (1999), a fixação do uso adversativo dos itens aqui estudados é resultado de uma mudança, via metonímia, devido à alta frequência desses em contextos negativos. De acordo com o controle da presença da negação, os resultados são os expressos na tabela 03.

Contexto Negativo	Frequência
Negação na primeira oração	14 (50%)
Negação na segunda oração	13 (46.4%)
Negação nas duas orações	1 (3.6%)
Total	28 (100%)

**Tabela 03:** O uso de *contudo* em presença de elemento de negação ao longo da história do português (séc. XIV a XXI)

Como se observa, das 56 ocorrências de *contudo*, 50% apresentam contextos negativos, que se distribuem em três tipos: negação na primeira oração (50%), negação na segunda oração (46,4%) e negação nas duas orações (3,6%). Diante desses percentuais, podemos afirmar que o contexto negativo constitui fator favorável à instauração do valor adversativo de *contudo*, corroborando a hipótese de Said Ali (1964) e de Barreto (1999). Vejamos a ocorrência (10), exemplificativa desse contexto.

(10) Aindaque S. Pedro era pobre, de tal modo que dizia: *Prata e ouro não tenho*, Act. 3, 6. **com tudo** não tinha cobiça alguma de cou<sup>ras</sup> terreaes (18NA, p.11)

Baseados em Sweetser (1990), a relação de contrajunção é estabelecida no nível epistêmico e não no nível do conteúdo, pois não há nada de contraste entre o fato do locutor não ter prata e ouro e não ter cobiça alguma de coisas terrestres. O contraste se estabelece entre a inferência que o interlocutor pode fazer a partir do enunciado *Prata e ouro não tenho* de que o locutor, embora não tenha prata e ouro, tenha cobiça e a informação do segundo enunciado que o locutor não tem cobiça.

Diante da alta frequência do uso de *contudo* em contextos negativos e do valor fórico de (con)*tudo*, pode-se dizer que a mudança semântica de *contudo* pode ser explicada, tanto por um viés metafórico, em que teríamos a atuação da escala *espaço* > *tempo* > (*texto*), proposta por Heine (1991), quanto por um viés metonímico. Como sabemos, *espaço* é uma categoria cognitiva que pode ser entendido como espaço do texto. Segundo Rocha (2006), o pronome *tudo* se vale dos mecanismos da coesão anafórica para retomar informações apresentadas anteriormente, dando o sentido de *com todas as/essas coisas*. A partir desse sentido referencial, o uso adversativo se estabelece, pois o locutor precisa retomar o que já tinha sido dito para estabelecer a relação contrajuntiva.

Na escala abaixo, ilustramos a mudança, via metáfora.



Por um viés metonímico, tem-se que, devido à alta frequência de *contudo* em contextos negativos, o item tenha assimilado o valor de negar o que estava sendo dito, favorecendo, assim, a mudança semântica para adversativo.

Numa atuação conjunta da metáfora e da metonímia, teríamos que, enquanto aquela atua na abstratização do sentido de *espaço*, com auxílio do pronome anafórico *tudo*, esta atua no contexto negativo que se mostra como favorável para instaurar a mudança. Uma escala que mostra a atuação dos dois mecanismos é apresentada em (12).

**Metonímia (contexto negativo)**



**Metáfora**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve como objetivo apresentar a mudança sintático-semântica do juntivo adversativo *contudo* na história do português. Para tanto, trabalhamos com os fatores *categoria do item*, *função semântica estabelecida por ele* e *presença de negação*. A partir dos diferentes cruzamentos feitos entre esses fatores, diagnosticamos que, possivelmente, a mudança semântica de *contudo* é anterior à mudança categorial, pois, como vimos na tabela 01 e nos gráficos 02 e 03, o percentual de usos como adversativo é maior que o percentual de usos conjuncionais, estágio mais gramaticalizado.

Para explicarmos esta mudança semântica, valemo-nos da hipótese de uma atuação conjunta dos mecanismos de metáfora e metonímia, apontando que a abstratização do sentido de *espaço do texto* e a ocorrência em contextos negativos favoreceram para a aquisição do valor adversativo de *contudo*.

Silva (2010), ao comparar *contudo*, com os demais juntivos adversativos *porém*, *todavia*, *contudo* e *no entanto*, a fim de estabelecer o grau de gramaticalidade entre eles, constata que *contudo*, apresenta, após *porém*, juntamente com *todavia*, um grau de gramaticalidade, se considerarmos a emergência do uso conjuncional adversativo na história da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Salvador (Bahia) UFBa, Salvador (Bahia).
- BYBEE, J., PERKINS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: Thomasello, M. (ed.) *The New Psychology of Language*. vol. II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- CÂMARA JR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTILHO, C.M.M. Locativos, fóricos, articuladores discursivos e conjunções no português medieval. Gramaticalização de *ende/en* e de *porende/porém*. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, n.6, p. 53-100, 1997.
- FRASER, B. *Approaches to discourse particles*. Elsevier Science, 2006.
- HEINE et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LONGHIN-THOMAZI, S.R. *Corpus Diacrônico do Português*. 2007. Disponível em: [www.cdp.ibilce.unesp.br](http://www.cdp.ibilce.unesp.br)

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas. PUC-Rio, Rio de Janeiro.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SWEETSER, E. *From Etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SILVA, T.M. *Gramaticalização de conjunções adversativas na história do português*. 2010. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. Lehmann, C., Malkiel (orgs), 24:245-271, 1982.

\_\_\_\_\_. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited. TRAUGOTT, E., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.